

O cinismo e o capitalismo: ideologia e teoria radical em Slavoj Žižek

The cynicism and the capitalism: ideology and radical theory in Slavoj Žižek

Rodrigo José Fernandes de Barros
Graduando em Ciências Sociais (Universidade Estadual do Rio Grande do Norte)
rodjfb@uol.com.br

Resumo: O conceito de Ideologia se apresenta das mais diversas formas possíveis na teoria social. De falsa consciência, conjunto de ideias à percepção da realidade, mas também é característico em nosso tempo o dito fim das ideologias, viveríamos em tempos pós-ideológicos depois de findada a Guerra Fria. O filósofo esloveno Slavoj Žižek se destaca entre os intelectuais que vão contra essa maré, ao tentar mostrar a pertinência desse conceito na atualidade. Este artigo visa expor, através de revisão bibliográfica e análise conceitual, a nova forma que o conceito de Ideologia assume na teoria de Žižek, assim como ela se difere das concepções clássicas presentes na teoria marxista clássica.

Palavras-chave: Ideologia. Teoria Crítica. Sociologia. Teoria Social. Filosofia.

Abstract: The concept of ideology is presented in many different possible ways in social theory. Of fake consciousness, set of ideas to perception of reality, but it is also characteristic of our time so called “end of ideologies”; we would live in post-ideological times after the Cold War. The Slovenian philosopher Slavoj Žižek stands out among intellectuals who go against the tide by trying to show the relevance of this concept today. This article aims to expose, through literature review and conceptual analysis, the new way that the concept of ideology assumes in the Zizek’s theory as it differs from the classical concepts present in the classical Marxist theory.

Keywords: Ideology. Critical Theory. Sociology. Social Theory Philosophy.

Originais recebidos em: 31/03/2015

Aceito para publicação em: 26/04/2015



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Use Não-Comercial-Vedada a criação de obras derivadas 3.0 Unported License.

Introdução

Falar abertamente sobre ideologia no século XXI significa ficar face a face com uma barreira gigantesca que foi arduamente construída durante as duas últimas décadas, e com um concreto, diga-se de passagem, de altíssima qualidade e durabilidade. Aqui não estamos considerando somente a imensa variedade de definições que o conceito pode vir a ter dependendo do interprete ou pensador que o elabora (conjunto de ideias; visão de mundo; falsa realidade etc), mas de início principalmente nos referimos ao ápice do aperfeiçoamento desta barreira que se concretiza de forma cristalina nos dizeres: “vivemos numa época pós-ideológica”.

A Guerra Fria do século XX teria sido o último espaço de combate ideológico, findando com o desmantelamento do já desgastado sistema bolchevique e o fim do sonho do socialismo real perante a vitória esmagadora do Ocidente com seu sistema democrático-liberal. Para alguns teóricos conservadores e liberais a queda do muro de Berlim, em 1989, não foi somente o fim das fronteiras da Alemanha Ocidental e Oriental, mas também o ápice da humanidade como um todo; sua maior extensão possível dentro dos limites cabíveis e, conseqüentemente, o fim de qualquer sonho utópico que almeje uma sociedade diferente. (FUKUYAMA, 1992).

O sistema capitalista se tornou hegemônico em todo o globo. Indiferente a fronteiras ou limitações, a força do capital solapou qualquer resistência ainda existente ao seu reinado. A crença de que é possível combater o capital em sua totalidade só resistiria na cabeça dos velhos saudosistas que se enamoram com um passado impossível. O que se há de fazer, segundo muitos dos atuais movimentos e grupos organizados de variadas vertentes como a socialdemocracia, é tentar melhorar o sistema em que vivemos através de intervenções localizadas, conquistas pontuais e lutas locais, mesmo com toda a lógica cruel e insana que o próprio sistema exige para continuar funcionando.

Alguns gostariam de render-lhe uma face mais humana (como a socialdemocracia), outros gostariam de torna-lo tolerante às diferenças (com as políticas multiculturalistas), e por fim alguns afirmam se interessar por revoluções completas no sistema sócio-político-econômico, mas desde que tais mudanças aconteçam em algum país distante o suficiente para que possam salvaguardar suas carreiras de comentaristas políticos ou acadêmicos de sucesso. No fundo nenhum deles parece querer uma mudança que exija rever toda a nossa

forma de se organizar no mundo. Uma revolução estrutural e radical é impensável, já que isso não levaria a lugar algum. Simplesmente, como já dito em outras palavras, o discurso hegemônico defende que não há alternativas viáveis para o nosso mundo no momento. O cinismo teria tomado o lugar da ideologia que a esquerda afirmara existir como um véu sob nossos olhos; a crítica foi superada, dizem. Mas antes de prosseguir, o que seria esse véu? Expliquemos para poder então seguir em frente.

Para Žizek, a *teoria da ideologia dominante* clássica (marxista) mais difundida define ideologia como um discurso que se diz universalmente verdadeiro em sua superfície, mas que no seu interior, em suas entrelinhas e em suas práticas efetivas, possui um núcleo adverso que nega a verdade anteriormente dita, e que para manter-se funcionando a rede em que se sustenta precisa permanecer oculta. Em outras palavras, a ideologia que é dominante em nossa sociedade seria uma falsa consciência, uma errônea visão sobre como as coisas realmente funcionam e, portanto, uma falsa realidade que não nos permite ver por de trás do palco o que realmente acontece, garantindo que a dominação do capital se perpetue; evidentemente o sujeito que assiste a mágica não pode perceber o truque sendo realizado, pois isso desmancharia a ilusão criada e tudo entraria em colapso (ŽIŽEK, 1996).

Contudo, hoje nós vemos o truque e sabemos exatamente como ele é realizado, mas mesmo assim nós continuamos a assistir o espetáculo sem incômodo algum. A teoria da ideologia dominante não nos satisfaz mais (ŽIŽEK, 2005). Nada vem a se desmanchar com o saber. Aquele que, por exemplo, afirmar que o governo dos EUA pratica a tortura de prisioneiros em suas instalações militares, como no complexo de Guantánamo, e violam outra série de direitos humanos enquanto diz defender a liberdade e a democracia mundo afora estará apontando o óbvio que todos nós já sabemos. As críticas e revelações ecoarão no vácuo constrangedor. O mesmo vale para situações onde sujeitos dizem que para conseguir vencer eleições livres a maioria dos candidatos compram os votos dos eleitores, ou que para conseguir boas promoções numa empresa é necessário que se passe por cima de colegas de trabalho. Não se necessita mais de um discurso nobre sobre trabalho árduo e dedicação; o cínico aqui se coloca como quem captura a verdadeira essência das coisas: “é a realidade do nosso mundo, e assim sempre o será”.

Se não precisamos de um espetáculo para manter todas as engrenagens funcionando, o argumento mais justo seria afirmar que não precisamos mais da ideologia e muito menos

da crítica da ideologia. Esse tipo de raciocínio que foi descrito é resultado de uma leitura apressada, diria o filósofo e psicanalista esloveno Slavoj Žižek. A ideologia continua latente e talvez em sua forma mais pura; forma esta que esse artigo objetiva expor, presente na teoria zizekiana, através de pesquisa bibliográfica e análise conceitual.

O desmanchar do sintoma

O que é um sintoma? Para o psicanalista francês Jacques Lacan, um sintoma é a maneira que algo que fora recalcado, suprimido no inconsciente, encontra para continuar a se manifestar. O sintoma surge onde falta a palavra, onde sistema da comunicação simbólica é interrompido, gerando uma espécie de prolongamento da comunicação através de outros meios, de forma codificada. Quando a palavra falha, o sintoma toma forma e surge para fazer com que aquilo que não chegou a “ser” simbolicamente possa vir a ser de alguma maneira. Numa alegoria, o que foi impedido de passar pela porta, passa pela janela, com uma nova configuração.

É justamente através da noção de sintoma e, posteriormente, de fantasia, que iremos expor como Žižek desenvolve uma leitura que diferencia a ideologia como *falsa consciência* da ideologia como o *cinismo* presente nos nossos tempos (ŽIŽEK, 1992, p. 59).

Para Žižek, que busca uma reabilitação da psicanálise com o social, o método crítico-ideológico tradicional se trata de uma “leitura sintomal” da realidade. Utilizando o exemplo clássico da liberdade burguesa liberal para explicar essa concepção, temos a ideia universal de que todos os indivíduos são livres para vender sua força de trabalho que é utilizada para a produção de mercadorias, ao passo que recebem um valor equivalente por ela. Mas isso não se concretiza, já que aquele que compra a força de trabalho não paga o que ela realmente vale, assim como também não vende a mercadoria pelo custo real de produção, senão não haveria lucro (mais-valia¹) para o capital investido na produção das mercadorias. Novamente, o discurso afirma uma igualdade universal entre todos, mas a dominação existe onde o detentor dos meios de produção explora aquele que vende sua força de trabalho; essa dominação se expressa de forma cifrada, codificada tal qual um sintoma de algo que fora recalcado e que retorna por outros meios.

¹ Ou “mais-valor”, de acordo com as novas traduções diretamente do alemão das obras de Karl Marx, realizadas pela editora Boitempo.

Esse recalçamento, segundo Žižek, teria se dado quando o modo de produção feudal transformou-se no modo de produção capitalista moderno. No feudalismo as relações de dominação estão estampadas, existem os senhores e os servos, e ambas as classes se reconhecem e se veem assim por vontade divina; não há nenhum discurso de liberdade frente ao desejo do criador repassado “generosamente” por aquele que senta no trono de São Pedro; as relações sociais aqui são relações pessoais, claramente entre exploradores e explorados.

Já no capitalismo a relação entre exploradores e explorados se torna turva, fetichizada na forma mercadoria onde as relações se dão pelo intermédio das coisas. Afirmam-se como sujeitos “livres” para venderem sua força de trabalho, mas que tem seu discurso de troca equivalente negada na realidade. Os rasgos no tecido da realidade, suas contradições, que aparecem e que são indivisíveis da estrutura do sistema foram interpretados a partir da crítica da ideologia, essa leitura sintomal, que decifrou a forma-mercadoria como a dominação que existe através de outras engrenagens.

O paradoxo que advém é que, em psicanálise, o sintoma só se mantém devido ao seu desconhecimento por parte do sujeito; o sigilo de sua lógica de funcionamento é intrínseco a sua existência. Uma vez decifrado o sintoma pelo próprio sujeito, tem-se sua dissolução completa. Mas isso não acontece mesmo com todas as contradições inerentes do nosso sistema. Independente das críticas realizadas, tudo permanece existindo. Ao que tudo indica a leitura sintomal não nos serve mais para combater a ideologia.

Cinismo e Fantasia

Em uma de suas obras mais importantes, *A Interpretação dos Sonhos*, Sigmund Freud afirma que o mais importante para o analista não é somente entender o significado dos sonhos dos pacientes; a mensagem que o sonho trás consigo de forma criptografada, mas entender principalmente a forma que o sonho adquire. Žižek trará a análise da forma dos sonhos para uma versão da análise da forma-mercadoria.

Por que a análise marxista da forma-mercadoria exerceu tamanha influência no campo geral das ciências sociais? (...) Porque oferece uma espécie de matriz que nos fácula gerar todas as outras formas da “inversão fetichista” (...)’ (ŽIŽEK, 1996, p.301).

Na versão da leitura sintomal da ideologia, a ilusão se encontra no âmbito *do saber*, sintetizada por Marx em sua já célebre frase: “Eles não sabem o que fazem, mas o fazem” (MARX, 1978. p. 72) Peter Sloterdijk defenderá uma mudança na frase de Marx para adaptá-la aos nossos tempos: “Eles sabem o que fazem, mas mesmo assim o fazem” (SLOTERDIJK, 2012). É nesta mudança que se encontra um ponto chave.

A partir da releitura de Sloterdijk, Žižek defenderá que a ilusão mais importante não se encontra no *saber*, mas no *fazer* através da forma-mercadoria. Mesmo quando sabemos dos significados, agimos *como se* não soubéssemos, pois as coisas estão naturalizadas na nossa realidade. Ao lidarmos com dinheiro, embora saibamos que se trata de um produto do trabalho humano, o encaramos como algo natural que incorpora a riqueza pura e simplesmente.

O sujeito que compra uma mercadoria, no momento da troca e mesmo tendo consciência de como as relações se dão através da dominação não altera a sua ação; a troca não se desmancha com a consciência, mas a consciência que se desmancha com a troca. A forma-mercadoria precede o pensamento e a crença já provém das coisas; ela já está dada externamente e o sujeito não precisa crer, pois as coisas acreditam por ele. Neste sentido o real se comporta de forma idealista.

A ilusão não está do lado do saber, mas já está do lado da própria realidade, daquilo que as pessoas fazem. O que elas não sabem é que sua própria realidade social, sua atividade, é guiada por uma ilusão, por uma inversão fetichista. O que desconsideram, o que desconhecem, não é a realidade, mas a ilusão que estrutura sua realidade, sua atividade social. Eles sabem muito bem como as coisas realmente são, mas continuam a agir como se não soubessem. A ilusão, portanto, é dupla: consiste em passar por cima da ilusão que estrutura nossa relação real e efetiva com a realidade. E essa ilusão desconsiderada e inconsciente é o que se pode chamar de *fantasia ideológica* (ŽIŽEK, 1996, p.316).

A ilusão seria desconsiderada por nós por ser fruto, segundo Žižek, de um trauma inconsciente, já que é este o papel da fantasia: tapar uma lacuna. Esta lacuna seria a própria ausência de sentido da dominação, da arbitrariedade em que vivemos, e que se justifica através da Lei Social. O princípio básico da lei é que “A lei é a lei”, que precede o sujeito e que não precisa ser tomada como verdadeira, mas sim e somente como necessária. A lei social, a dominação, só opera em seus padrões quando se é vivenciada automaticamente pelos indivíduos da nossa sociedade, sem uma prévia reflexão.

Se o nosso mundo não possui mais ideologia, esta afirmação só se aplicaria ao seu sentido sintomal já aqui apresentado, presente na teoria crítica e no marxismo ocidental. No

capitalismo do século XXI a ideologia se encontra num outro estágio, designando-se “uma totalidade empenhada em apagar os vestígios de sua própria impossibilidade” (ŽIŽEK, 1996, p. 327).

Assim sendo, através de Žižek temos uma nova maneira de entender e compreender a ideologia, como também temos novas maneiras de tentar ressuscitar a crítica da mesma, sem focar somente no objeto deslocado que se sobressai no sintoma. A crítica deve não mais operar no âmbito do *saber*, mas sim no *fazer*, pois a fantasia ideológica não se opõe a realidade. Ela estrutura a própria realidade social.

Referências Bibliográficas

FREUD, Sigmund. *A Interpretação dos Sonhos*. São Paulo: L&PM Editores, 2012.

FUKUYAMA, Francis. *O fim da História e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Vol I. São Paulo: Nova Cultural, 1978.

SLOTERDIJK, Peter. *Crítica da Razão Cínica*. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

ŽIŽEK, Slavoj. *Às portas da revolução: escritos de Lenin de 1917*. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. *Eles Não Sabem o que Fazem: O sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

_____. *Um Mapa da Ideologia*. São Paulo: Contraponto, 1996.